



FOLCLORE

ROTEIRO DE PESQUISA



Tiã Rocha

Tião Rocha

Folclore

Roteiro de Pesquisa

Sebastião Rocha

Antropólogo, Folclorista e Educador Popular
Fundador e Presidente do Centro Popular de
Cultura e Desenvolvimento – CPCD (1994/97)
Presidente da Comissão Mineira de Folclore
CMFL (1995/98)

Diagramação

Lene Marques

Regina Bertola

É estimulada a reprodução total ou parcial
desta publicação desde que citada a fonte e
sem fins lucrativos.

Belo Horizonte / MG

- 1996 -

Esta publicação resultou de pesquisas de campo desenvolvidas pelo autor em escolas de 1º, 2º e 3º graus de Belo Horizonte/MG, durante os anos de 1975 a 1978.

Por ocasião da *XV Semana de Folclore*, em 1979, a Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais resolveu publicar este trabalho, distribuindo-o para todas as Delegacias Regionais de Ensino/DREs e Prefeituras Municipais do Estado de Minas Gerais.

Posteriormente outras edições foram feitas pelo SENAC/MG em 1980 e SESI/MG em 1987.

Quando da realização do "*I Encontro dos Secretários Municipais de Cultura de Minas Gerais*", ocorrido em 1989, a Secretaria de Estado da Cultura / SEC-MG fez nova reedição.

A presente edição - revista e atualizada pelo autor - foi patrocinada pelo Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento/CPCD e pela Comissão Mineira de Folclore/CMFL visando atender aos educadores brasileiros, contribuindo para a busca de caminhos e alternativas metodológicas, duradouras e inovadoras, que possibilitem a criação e consolidação de uma Escola de qualidade, prazerosa, integrada à comunidade e umbilicalmente comprometida com a cultura e o desenvolvimento integral das nossas crianças e adolescentes.

Uma História e Muitas Vidas

Tião Rocha



- *Eu sou sobrinho de uma rainha.*
- *Verdade, podem acreditar! Aliás, este era um dos meus maiores orgulhos quando criança: ter uma tia rainha, de carne e osso. Tia Gorda era o seu apelido.*

Aos 7 anos de idade, entrei pela primeira vez em uma escola (Grupo Escolar Sandoval de Azevedo) em Belo Horizonte. No primeiro dia de aula, uma professora muito gentil, chamada Maria Luiz Travassos, levou-nos para a biblioteca para nos apresentar o mundo das letras. Abriu o livro *“As mais belas histórias”* (de Lúcia Casasanta) e começou a ler, pausadamente:

- *“Era uma vez um lugar muito distante, onde moravam um rei e uma rainha...”* Eu, já me encantando com o que ouvia, imediatamente a interrompi e falei:

– *Professora, eu tenho uma tia que é rainha! Ao que ela me respondeu, calmamente:*

– *Está bem, fique quietinho e escute. Isto é uma história da carochinha, um conto de fadas. Não existem esses reis e rainhas.*

E continuou sua leitura. Porém, todas as vezes que ela mencionava o rei ou a rainha, eu comentava e a interrompia:

– *...eu tenho uma tia que é rainha, de verdade!* Após a minha quinta tentativa de intervenção, a professora me mandou um *“cala a boca”*. Ao final do meu primeiro dia de aula, fui encaminhado à sala da diretora, Dona Ondina Aparecida Nobre.

– *Vai querer sair da escola logo no primeiro dia. Volta pra sala e preste atenção na aula, senão chamo sua mãe e mando ela te levar pra outra escola”,* formam suas palavras. Nunca mais, durante todo o curso primário, falei sobre este assunto. Talvez ele não fosse mesmo importante.

Quando fui para o ginásio, para o meu azar, a minha primeira aula foi de História do Brasil.

– *Vamos iniciar nosso curso estudando o descobrimento do Brasil...Os reis portugueses...*, iniciou assim o Professor José Ramos, para explicar as conquistas ibéricas. E eu, mais uma vez, inocentemente disse interrompendo:

– *Professor, eu tive uma tia que foi rainha...* Ao que ele, prontamente me retrucou:

– *Pronto, primeiro dia de aula e já tem um engraçadinho aqui...Cala essa boca, deixa de bobagem e presta atenção na aula. Estou falando de reis e rainhas, pessoas importantes; aqui no Brasil nunca teve isso. Você não pode ser de família real, olha seu nome, olha a sua cor...Fui, mais uma (e pela última vez) motivo de gozação por parte dos colegas.*

Comecei a pensar que eu talvez tivesse sido enganado por minha família. Ou não poderia ser descendente de rainha nenhuma, ou aquilo não tinha a mínima importância para ninguém. Nunca mais tive coragem de falar sobre isto.

Ao final do segundo grau, fui morar em Ouro Preto e, um dia, lendo *Ao Deus Desconhecido*, de John Steinbeck, sentado nos fundos da Igreja de São José, comecei a observar a construção e pensar sobre as muitas paredes e muros de pedras que estavam à minha volta.

– *Foram feitos por quem? por que? como? quando?* Descobri naquele instante que não podia responder a estas e tantas outras questões, simplesmente porque não conhecia a história dessa gente...não conhecia a minha história.

– *E essa gente não seria a mesma da qual eu me originara?* Foi naqueles dias que resolvi cursar História. Voltei para Belo Horizonte e entrei para a Universidade. Durante 4 anos estudei a vida e a trajetória de reis, rainhas e personagens importantes de tudo quanto foi lado. Mas, mais uma vez, só me apresentaram a história oficial ou oficializada. Nunca tive uma aula sequer sobre a minha tia.

– *Onde poderia eu estudar as minhas origens?* Foi então que resolvi partir para a Antropologia. Quem sabe ali encontraria minhas respostas. Devorei livros e bibliotecas, garimpei cidades e campos. Conheci todo tipo de gente, nos livros, nas ruas e nas roças. Virei um andarilho atrás dos filões de minha cultura. A Academia me titulou Antropólogo, especialista em Cultura Popular e Folclore. E, quanto mais aprofundava meus estudos, mais acreditava que, em algum momento, poderia responder às minhas muitas e múltiplas questões e encontrar o caminho das pedras e das minhas heranças familiares e comunitárias.

Aí veio o meu conflito com a Academia, neste momento a Universidade Federal de Ouro Preto onde trabalhava. “Ela” queria que eu fosse professor. E “eu” teimava em ser educador. Não se tratava de um jogo de palavras. Queria participar de uma universidade que se dispusesse a prender e não apenas ensinar.

Hoje, depois de mais meio século de existência, creio que consegui desvendar grande parte destas incógnitas. A minha caminhada, como era de se esperar, levou-me para os lados da Educação. A universidade e a sociedade queriam que eu fosse professor. Fui e, sem modéstia, competente, tanto de 1º, 2º e 3º graus. Mas isso não me bastava. Eu queria ir mais fundo. Queria ser educador. E queria fazer da nossa cultura a matéria prima do meu trabalho.

Para me facilitar esta empreitada me demiti da Universidade, juntei um grupo de amigos e fundamos em janeiro de 1984 o *Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento*. O CPCD está a caminho de seus 20 anos e hoje dá abrigo institucional para uma série de sonhos e anseios, acolhe amigos de estrada e andarilhos que nem eu, parceiros de teimosia e utopias, companheiros de empreitadas no campo da educação de qualidade e do desenvolvimento sustentado, a partir da cultura.

Iniciados em Curvelo, cidade situada no centro de Minas, os projetos do CPCD se espalharam por outras regiões do Estado (Vale do São Francisco, Vale do Jequitinhonha, Vale do Rio Doce e Alto São Francisco) e foram disseminados para outros estados (Espírito Santo, Bahia, Maranhão, Pará e Amapá) e países (Moçambique e Guiné Bissau).

Já ia me esquecendo! Minha tia Gorda foi *Rainha Perpétua do Congado*. E todos os anos - de agosto a outubro - ela, devidamente trajada com manto, coroa e cetro reais, era homenageada com danças e embaixadas por ternos de Moçambiques, Congos, Marujos, Vilões, Catopês e Caboclinhos. E saía em alegres cortejos pelas ruas protegida por um pálio, acompanhando as guardas cantando e louvando Nossa Senhora do Rosário, santa branca, padroeira e patrona das irmandades negras e católicas que construíram estas Minas Gerais.

Eu tinha orgulho de tê-la como tia - e como rainha - mas, infelizmente, nunca pude mencioná-la ou estudá-la na escola. Pena, pois mereceria, junto com muitos outros e outras, um capítulo especial na construção da história do povo brasileiro.

Quem sabe, algum dia, tenhamos em cada biblioteca de cada escola deste país, uma estante especial, abarrotada de livros, textos e publicações dedicados à vida, aos saberes, aos fazeres e aos querereres das pessoas da comunidade onde esta escola existe e funciona.

Hoje, tento colocar o que aprendi e descobri a serviço de crianças e adolescentes, para que estes não percam, prematuramente, sua realeza e dinastia, sua auto-estima e sua história. E também estou a serviço dos adultos ou que já as perderam ou as deixaram em algum canto da vida.

Nossa missão no CPCD é fazer com que estas crianças e estes adultos possam não só se reapropriar de seus saberes e fazeres, mas fazer de sua cultura e identidade, instrumentos de seu desenvolvimento e a matéria-prima de sua cidadania.

Bem, destino ou não, acredito que essa trajetória pessoal foi determinante para me conduzir para o que faço hoje. Tornei-me educador porque acredito que esta é a única maneira de devolver - sob forma de práticas educativas inovadoras e desafiadoras - por todos os privilégios, oportunidades e possibilidades que tive e vivi, ao povo do qual, privilegiadamente, faço parte.

Esta é apenas mais uma história repleta de muitas vidas.

Cultura: matéria-prima da folclore

"*Todo e qualquer ser humano tem cultura.*" Esta é uma das poucas "verdades absolutas" da Antropologia. Apesar desta afirmação parecer óbvia, não é, pois há muita gente ainda que pensa que alguns seres humanos não têm cultura. Por isso, é importante ressaltar esta 'obviedade'.

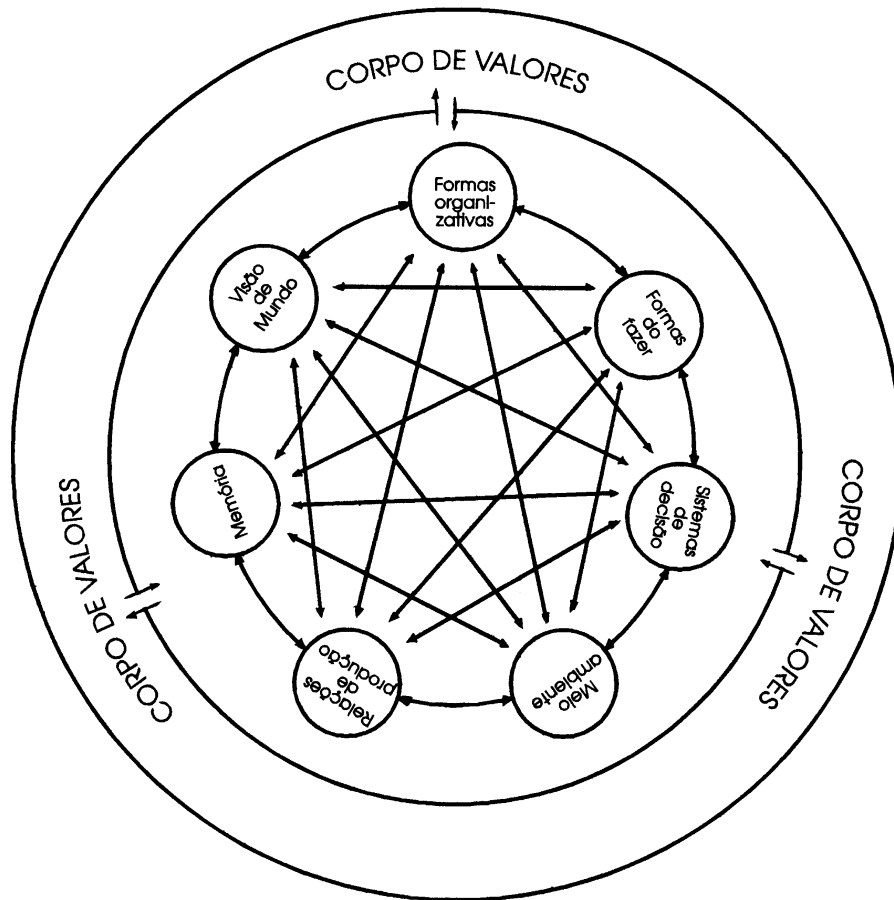
Outra verdade antropológica é que em praticamente toda e qualquer comunidade humana existem e interagem diversos componentes substantivos - *indicadores sociais* - que definem, identificam e constroem a cultura do grupo humano que aí vive:

- 1) as formas organizativas (o social, isto é, a família, os laços de parentesco, o compadrio, os grupos, as turmas, etc.),
- 2) as formas do fazer (o tecnológico, o científico, o artístico, o artesanal, o literário, etc.),
- 3) os sistemas de decisão (o político, a autoridade, a liderança, etc.),
- 4) a visão de mundo (o religioso, o ontológico, o depois, o futuro, etc.),
- 5) o meio ambiente (o contexto, o entorno, o ecológico, etc.),
- 6) a memória (o passado, a origem, o anterior, etc.),
- 7) as relações de produção (o econômico, o trabalho, a sobrevivência, etc.)

Estes componentes são extremamente dinâmicos, interdependentes e formam uma *rede de relações* que são condicionantes e condicionadas pelo *corpo de valores* (as ideologias, a arbitrariedade, a solidariedade, a violência, o afeto, o respeito, os modismos, o machismo, o egoísmo, o amor, a ternura, os preconceitos, a alegria, o prazer, etc) da sociedade.

*Consideramos **cultura** exatamente esta rede de relações, processos e interações, que forma um padrão ou um desenho, definidor da identidade da comunidade ou grupo social.* (Veja o desenho 1).

Desenho 1



A partir desse conceito operacional, podemos pensar:

- o *processo cultural* como a dinâmica do padrão ou desenho e
- o *indicador cultural* como cada elemento da rede de relações que forma o desenho.

Com esse enfoque, podemos pensar, por exemplo:

- a *cultura local* como um desenho envolvendo e interagindo todos os indicadores e valores locais;
- a *cultura regional* como um desenho que deva conter necessariamente todos os desenhos correspondentes às culturas locais e suas interações;
- a *cultura nacional*, por sua vez, como um desenho que deva conter obrigatoriamente todos os desenhos ou padrões correspondentes as culturas regionais e suas interações.

Conseqüentemente, o planejamento da dinâmica do desenho - seja local, regional ou nacional - que constitui o cerne das propostas e políticas de desenvolvimento, deveria ter como característica e ênfase a *heterogeneidade* e a *diversidade*, que de fato constituem a marca de nossa cultura, o caráter de nosso país e sua verdade histórica.

Assim sendo, não podemos admitir, por exemplo, como *democratização da cultura brasileira* um maior acesso dos diferentes grupos sociais espalhados por este país aos bens de uma dada cultura, porque isto a homogenizaria e a uniformizaria, desfigurando-a. Por outro lado, perderíamos o caráter de nação brasileira, porque estimularíamos o desenvolvimento social e econômico de um único desenho, o que não corresponderia ao nosso processo histórico.

Sendo a *educação* o principal gerador de oportunidades para o desenvolvimento social e econômico de um país (cfe. ONU/1990), a política educacional não poderia estar desvinculada dessa premissa básica (*a heterogeneidade*) e, obrigatoriamente, deveria ter na *diversidade* de desenhos culturais da nossa sociedade a alternativa e o ponto de partida para a realização do pleno e integral desenvolvimento da nação brasileira.

Só considerando uma educação plural, cuja matéria prima de ação pedagógica seja a cultura, poderemos democratizá-la e, assim, caracterizá-la no singular como brasileira.

- E o Folclore ? Onde ele entra nessa história ?

Se estamos de acordo com as premissas anteriores, verificaremos que "*toda e qualquer forma de conhecimento*" é uma leitura e interpretação, parcial e relativa, da cultura.

Como qualquer outra ciência, o Folclore é mais uma maneira de ler e interpretar a rede de relações e os desenhos culturais de uma sociedade. Para isso, esta ciência utiliza-se de instrumentos metodológicos de pesquisa: *a observação* e *a análise* de tudo aquilo que seja *tradicional*, *funcional* e de *aceitação coletiva* dentro do grupo social estudado.

Seja o conhecimento científico (sistemático e sistematizado, resultante da aplicação de métodos específicos para cada ciência), seja o conhecimento não-formal (empírico, não-sistematizado, resultante da vivência e do senso comum), ambos, um e outro, são e serão sempre relativos e parciais. Nenhum melhor ou superior ao outro. Antagônicos muitas vezes, complementares outras, não opostos necessariamente.

Ambos importantes porque permitem e possibilitam uma leitura mais densa e uma compreensão mais profunda do ser e da cultura humanos. E esta é a finalidade do conhecimento, creio eu: *possibilitar uma leitura mais densa, mais profunda, mais rica, mais abrangente e mais humana da "travessia" humana.*

E o Folclore, como ciência humana e social, irmã da Antropologia, e parte desse conhecimento, é, em síntese, a possibilidade de leitura "dos saberes, dos fazeres e dos querer humanos", estudados sob a "luneta" da tradicionalidade, da aceitação coletiva e da funcionalidade. (Veja o desenho 2)(*)

Conceituação

Folclore é, portanto, a ciência humana e social que estuda os fatos e as relações, os processos e as realizações de um grupo social - materiais, sociais e espirituais, objetivas e subjetivas, orais e escritas - **tradicionais, funcionais e de aceitação coletiva**, integradas à vivência popular e à dinâmica do cotidiano, resultantes da difusão no tempo e no espaço. Estas manifestações, também chamadas de *cultura popular*, coexistem com as formas de cultura erudita (ou acadêmica) e de massa (ou de consumo), conservando suas funções histórico-sociais. O artesanato e a medicina caseira, as crenças e superstições, as gírias e provérbios, as danças e festas populares tradicionais são alguns entre os incontáveis exemplos, objetos da ciência folclórica. Para que o(a) leitor(a) não fique em dúvida: **o Folclore estuda o folclore** (A ciência, com F maiúsculo, estuda o fato, com f minúsculo), razão pela qual muitas vezes a mesma palavra aparece com grafia diferenciada.

Para se chegar ao conhecimento sobre o que é ou não é fato folclórico, devemos analisar alguns aspectos que constituem suas características primordiais:

- se o fato é **tradicional, funcional** e de **aceitação coletiva**: **condições essenciais (e "sine qua non") para existência do fato folclórico**;
- o grupo social que o recolhe e o vivencia;
- como se manifesta e interage este fato dentro do grupo;
- a atualidade e a funcionalidade do fato na vida das pessoas e da comunidade;
- como se articula o fato na trama ou no desenho cultural da comunidade.

Fato Folclórico

O povo no folclore

Existem inúmeras definições de Folclore e, em todas elas, se confere ao povo uma importância fundamental. E, em verdade, ele a possui.

- **Porém, quem é esse povo que faz ou utiliza os bens folclóricos ou é portador de folclore? - Todos nós !**
- **Será o Folclore símbolo dos pobres e dos analfabetos ?**
- **Não !**
- **Serão portadores de folclore os intelectuais ou eruditos ? - Sim !**

A palavra "povo" pode dar margem a toda espécie de interpretação. Em relação a ciência folclórica povo é um todo - conjunto de indivíduos integrantes de uma dada cultura, situado em um ambiente geograficamente determinado - sem distinção ou determinação por classes, grupos sociais, políticos ou econômicos.

Partindo desta premissa, **todos nós somos, querendo ou não, parte do povo e, portanto, produtores e consumidores de cultura, cujos aspectos tradicionais, funcionais e de domínio coletivo denominamos Folclore.**

O Folclore não é símbolo de pobreza, nem propriedade particular de uma camada fixa ou predeterminada da população, ainda que seja entre a parcela da população com menores oportunidades de acesso ao conhecimento erudito e às informações veiculadas e/ou adquiridas através das instituições escolares, religiosas e políticas que o encontramos. Este segmento é que cultiva, mais intensamente, a maioria dos fatos e dos bens folclóricos, não porque quer, mas de maneira natural e com a mesma razão pela qual os pássaros cantam.

A tradição no folclore

A tradição é o conjunto de fatos e elementos (materiais, sociais e espirituais) que uma época ou uma geração doa ou entrega a que lhe sucede para que esta, por sua vez, o retransmita, com seus fatos ou elementos incorporados, à sua imediata sucessora.

Tradição equivale a atualidade de fatos ou fenômenos no tempo e no espaço, porque ela é o fator de identidade - união, caráter, coerência e coesão - de um povo através dos tempos. **Um fato folclórico é essencialmente um fato tradicional**, isto quer dizer, um fato entregue ou doado de uma geração à outra. O jogo da "amarelinha" ou "maré" ou "maê" é folclórico não porque nossos avós e pais brincaram, mas porque nós e nossos filhos brincamos e brincam. Ele é tradicional porque, vindo do passado, é atual e presente, além de ter uma função social e ser de domínio público. **Ao contrário da História que é a ciência dos fatos humanos do passado, o Folclore estuda os fatos tradicionais no presente.**

Não existe povo que seja tão miserável que não tenha tradição, pois é ela que cria, fertiliza, alinhava, reproduz e incorpora os valores e realizações humanas de uma época. Ritos e costumes, técnicas e hábitos de trabalho, cantos e lendas, músicas e superstições, danças e jogos, enfim, todas as áreas da ação humana vivem, se recompõem, se cristalizam, se transformam, se criam, se difundem, se expandem, no tempo, no espaço e através da tradição.

Os povos que não se conhecem a si mesmos, porque não se estudam, não se pesquisam, ou não se descobrem, por ignorância, por desinteresse, por vergonha de suas origens ou por excesso de valorização de valores culturais importados, nunca terão sua identidade e auto-estima formadas, nunca terão definida e conhecida sua personalidade e, portanto, jamais serão coerentes, autênticos e harmônicos.

A criação no folclore

O individual e o coletivo, o anonimato e o popular estão sempre presentes num fato folclórico. Todos sabemos que toda e qualquer obra tem um criador, seja ele um cidadão comum, um poeta, um músico, um artesão, etc. Uma criação (material, social ou espiritual) passando do indivíduo-criador à sua coletividade, tornar-se-á popular se houver identificação (de função e aceitação) entre ambos, autor e comunidade.

As ações humanas são sempre respostas às suas necessidades. Uma ação qualquer, ao fazer sentido e dar respostas para um número cada vez maior de pessoas, vai, gradativamente, passando do uso ocasional e esporádico para o uso constante e sistemático, transformando-se num hábito. A prática dos hábitos gera o costume. A vivência dos costumes cria a tradição. A tradição, como já vimos, é o acervo de soluções e respostas, saberes e fazeres humanos herdados e doados entre as gerações.

O nome do autor (ou autores) da maioria dos fatos folclóricos, em geral, fica oculto, perdendo-se no tempo. "Conta-se o milagre, mas não conta o nome do santo". Por isso, dizemos que os fatos folclóricos são anônimos. Descobrir ou identificar o(s) autor(es) de um fato folclórico não o invalida ou diminui o seu valor cultural, ou contrário, permite-nos fazer uma leitura mais profunda e abrangente do fenômeno da difusão cultural.

NECESSIDADE ⇒ RESPOSTA ⇒ USO ⇒ HÁBITO ⇒ COSTUME ⇒ TRADIÇÃO

O valor funcional do folclore

Não se pode entender o Folclore como um conjunto de fatos gratuitos ou sem função. Tudo que o povo faz, pensa, sente e expressa está intimamente relacionado e integrado ao seu mundo e ao seu dia-a-dia social, material e espiritual. Os provérbios e as danças, os ritos e as anedotas, o artesanato e as superstições, os brinquedos e os remédios caseiros, entre outros tantos fatos, existem, não por existir, por geração espontânea, mas para atender e responder às necessidades (intelectual, de lazer, religiosa, mágica, material, saúde, lúdica, existencial, etc.) de um grupo social local, regional ou nacional.

Ninguém faz uma colher de pau à toa. Todos nós sabemos como fazê-la e para que serve: mexer doce e angu, além de servir para bater (levemente) na cabeça de um gago; a gagueira passa pelo susto do baque seco.

Assim como a colher de pau, todos os fatos folclóricos existem para atender a uma função cultural - social, econômica ou espiritual - de um grupo ou de um povo.

A atualidade do folclore

Vimos que toda e qualquer manifestação folclórica tem uma função a preencher na sociedade atual. Se os romances, os costumes, as crenças, as simpatias, as fórmulas de remédios caseiros, etc. houvessem permanecido estáticos e imutáveis, se nada fossem mais que fatos passados, sem presença e significado no nosso dia-a-dia, sem atualidade, não seriam elementos de interesse folclórico. Poderiam ser, no máximo, exemplos de uma época, importantes para ilustrá-la ou compreendê-la como história, porém não constituiriam jamais um fato folclórico, vivenciado por uma coletividade, tradicional, dinâmico e atual, como deve ser entendido e visto todo e qualquer fato folclórico.

A dinâmica do folclore

A função de um fato folclórico não pode e/ou deve ser "congelada" no processo de evolução de um povo através dos tempos e, nem tão pouco, pode ser "aprisionada" em determinada área geográfica. Isto seria o mesmo que "coisificar" os fazeres e os saberes folclóricos, transformando-os de elementos culturais vivos em fósseis, vistos e apreciados apenas como "simples e bonita coleção de borboletas". **A ciência folclórica trabalha com fatos e manifestações universais.** A sua grande riqueza é a sua diversidade na unidade, isto quer dizer que, um mesmo fato pode e tem inúmeros acréscimos e variações em sua estrutura e função, frutos do tempo e do espaço onde ele se manifesta. A estória de "Dona Baratinha e Dom Ratão", por exemplo, é encontrada sob inúmeras variantes em praticamente em todo o mundo. Assim, podemos encontrar, em quase todos os países, os mesmos fatos folclóricos sob formas e variantes "à moda da casa".

O Folclore, como fruto da atividade humana, está sujeito, portanto, a alterações tanto na forma quanto no conteúdo, resultantes do processo de difusão e da apropriação cultural. Uma dança que antigamente foi de caráter guerreiro ou religioso ou parte de um ritual, pode constituir-se, hoje, em um folguedo lúdico e mera diversão. Se nos for possível, através de pesquisas, observar, estudar e determinar esta transformação, teremos um maior e mais profundo conhecimento de nossa realidade e de nossa formação cultural. Caso contrário, devemos observá-la e entendê-la em sua forma, função e significado atuais e dentro do grupo que a pratica. Esta é uma das muitas funções do folcloristas.

Segundo Varagnac, "todo fato folclórico pode responder, no curso dos séculos, à necessidades diferentes e mentalidades diferentes", e para esta compreensão é

fundamental não só o estudo e a pesquisa sistemáticas, mas também o respeito pelas coisas do povo.

Se algum educador ou pesquisador ousar este mergulho corre o risco de afogar-se literalmente numa ciência que se constrói com o cérebro e a alma, podendo transformar-nos em seres mais humanos e melhores.

Porque trabalhar com folclore na escola

O Folclore, visto sem a viseira do preconceito, é um forte elemento de formação de cidadania e de nacionalidade. É, ao mesmo tempo, o que nos confirma a condição de seres humanos universais e nos reafirma e nos diferencia como seres brasileiros, italianos, alemães, mexicanos, etc. Visto além de eventos, **os fatos folclóricos de que somos portadores são matéria prima da melhor qualidade para a nossa formação educacional e comunitária, pois são parte do acervo de conhecimentos e de contribuições que nós herdamos e trazemos para o desenvolvimento de nosso grupo social.** Bem utilizado o Folclore pode tornar-se importante elemento de criação de auto-estima, afirmação da personalidade e consolidação da cidadania. E, de quebra, facilitar o aprendizado da linguagem, do raciocínio lógico, da própria história e de sua comunidade.

Tentaremos, a seguir, apresentar algumas orientações específicas para um melhor e maior aproveitamento do Folclore nas escolas de 1o e 2o graus, a partir da vivência dos próprios alunos.

O mal hábito que tem os professores de sempre e apenas enviar seus alunos para pesquisar uma dança, um folguedo ou uma festa, longe do contexto dos alunos, embora importante como trabalho escolar, fortalece a idéia de que o aluno-pesquisador não tem nada a ver com o que ele pesquisa. O resultado em geral é terrível. Os alunos copiam enciclopédias medíocres, o professor não lê os trabalhos porque, em geral, já conhece o conteúdo copiado. Pronto. Realizou-se mais uma *semana do folclore* na escola. Quanta energia desperdiçada. Quanto preconceito foi criado e estimulado. Quanta possibilidade de educação integral se perdeu.

Qualquer trabalho de pesquisa escolar sobre Folclore para alcançar os resultados esperados, deve ser antecedido pela pesquisa das manifestações folclóricas dentro de casa e na vizinhança e, só posteriormente, esgotados os temas e abordagens nos níveis

familiares e comunitários, os alunos devem partir para a pesquisa fora do seu universo imediato, seja através dos livros, seja através de atividades de campo. Esta medida é importante porque prepara o estudante, que reconhecendo-se portador de folclore, pode melhor, mais profunda e respeitosamente conhecer outros portadores, como iguais e diferentes, mas nunca como estranhos, inferiores ou apenas exóticos.

Evidentemente não é possível querer encontrar todos os temas, combinações de temas e aspectos folclóricos dentro da família e/ou comunidade. O campo de ação do Folclore é tão amplo quanto à capacidade do ser humano criar e propor soluções, alternativas, saberes e fazeres. Por isso, afirmamos que o Folclore é universal, apesar de nós o estudarmos quase sempre “à moda da casa”, isto é: o folclore em casa ou na comunidade, ou o Folclore em Minas Gerais (e não folclore mineiro), ou o Folclore em Goiás (e não o folclore goiano).

Ao propormos este roteiro de pesquisa pretendemos fornecer aos educadores alguns caminhos que se seguidos poderão apresentar resultados extraordinários.

Este roteiro foi, antes de tornar-se um texto de orientação, testado e aplicado, com êxito, pelo autor em escolas de 1o., 2o. e 3o. graus de Belo Horizonte/MG. Posteriormente, este roteiro foi usado por vários educadores mineiros e nos mais variados níveis de profundidade, sempre com muito bons resultados. (Esta é uma das razões porque este trabalho já foi editado, reeditado e reproduzido inúmeras vezes por órgãos públicos e particulares de educação e cultura de Minas Gerais).

Não existem fórmulas ou sistemas exatos e rígidos para a pesquisa folclórica. **Observação cuidadosa e registro fidedigno são, entretanto, premissas fundamentais para se obter uma consistente pesquisa.** Por outro lado, confiamos no bom senso dos educadores, que conhecedores e parceiros de seus educandos, saberão dosar estas orientações, adequando-as ao ritmo, às possibilidades e potencialidades de seus alunos.

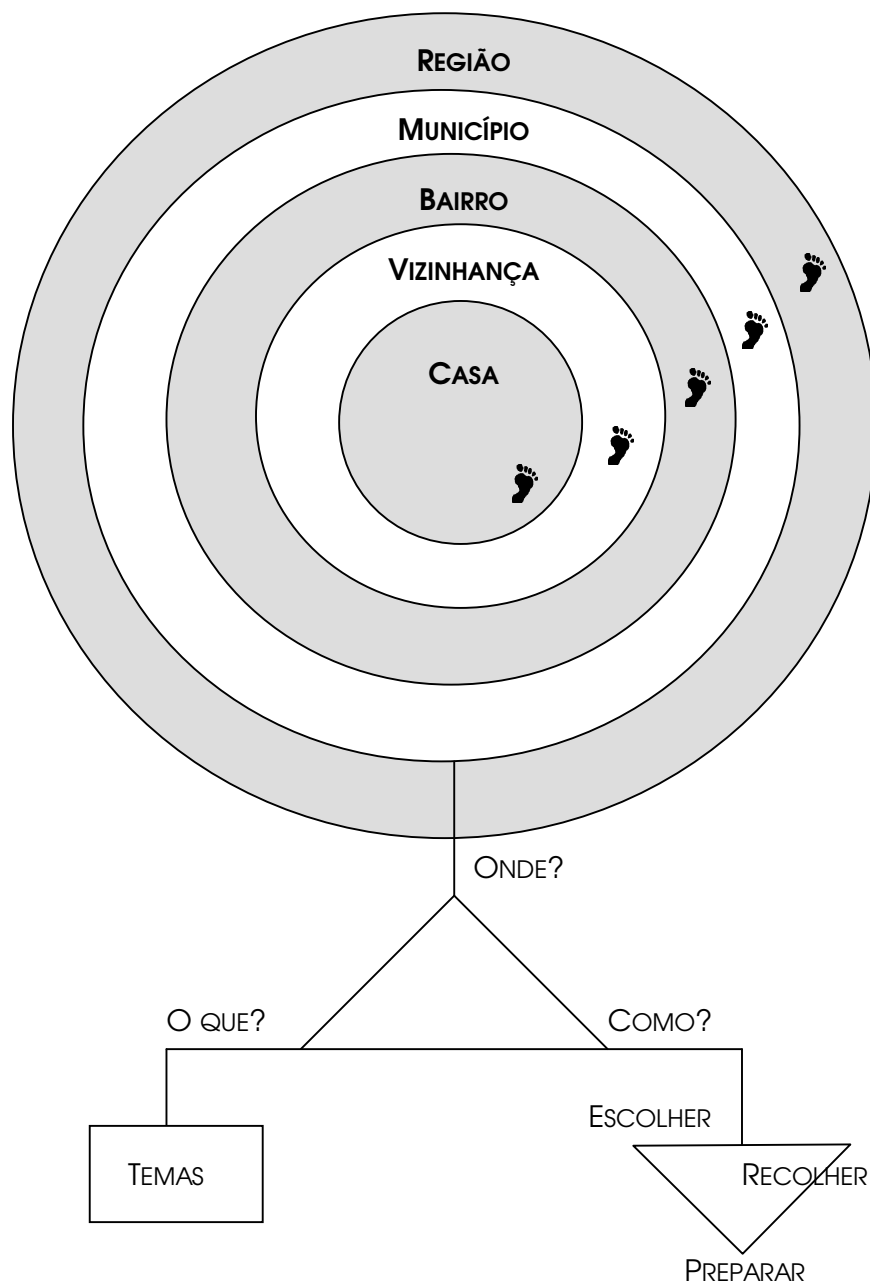
Uma pesquisa folclórica deve ser sempre uma atividade prazerosa, uma possibilidade de crescimento de alunos, pesquisadores, professores, familiares e comunidade; só por isto deveria fazer parte do dia-a-dia da escola. Devido a esta possibilidade, repugnamos a prática do folclore apenas como evento ocasional, obrigatório e de data marcada ('mês de agosto') na vida das escolas.

Devido a esta possibilidade, repugnamos a prática do folclore apenas como evento ocasional, obrigatório e de data marcada (mês de agosto) na vida das escolas.

Esta visão estereotipada, entretanto, somente será alterada quando os educadores se convencerem que:

- (1) educação é uma troca de saberes e fazeres entre professores e alunos, algo que só ocorre (e teima existir) no plural, numa relação entre iguais entre professor e aluno;
- (2) a cultura é o ponto de partida e a matéria prima de uma prática educativa integral e transformadora.

Esquema geral



Metodologia de pesquisa

Para elaboração de trabalhos práticos sobre Folclore e sua orientação, indicamos um esquema geral bastante simples:

- O QUE ? . . .utilizar como tema de pesquisa;
- ONDE ? . . . ir buscar esse tema;
- COMO ? . . .realizar essa tarefa.

O QUE é a razão do trabalho, é aquilo que o aluno vai recolher e preparar como sua atividade escolar. A escolha do tema pode ser sugerida pelo professor ou, se o aluno receber boa dose de esclarecimentos e estímulos, ele próprio pode optar por um determinado tema a pesquisar. A motivação para a pesquisa e escolha do tema podem ser encontradas nas próprias relações familiares do aluno, no seu convívio cotidiano, nos fatos comuns da vizinhança e do bairro (urbano) ou da localidade (rural) onde mora.

ONDE, portanto, pode e deve ter como ponto de partida a casa, a família do próprio aluno. Após a pesquisa familiar o tema pode ser obtido nas vizinhanças e no bairro onde mora o aluno. Não tem sentido pedir a um aluno do 1o. grau residente no bairro Betânia, em Belo Horizonte, para fazer um trabalho sobre o folclore do Mato Grosso ou do Nordeste, antes de ele primeiro conhecer a si mesmo e a comunidade onde vive. Do mesmo modo, é muito mais coerente um professor trabalhando em Teresina solicitar de seus alunos um trabalho sobre o Folclore no Piauí, existente naquela capital e no bairro onde está situada a escola, do que um estudo sobre as manifestações folclóricas do Vale do Itajaí, em Santa Catarina.

COMO é o conjunto de passos e métodos para se efetuar a atividade. Esta parte exige que os alunos sejam orientados e motivados para que desenvolvam a sua capacidade de observar e registrar os fatos e informações vivenciadas. Quando a pesquisa exige que se converse com pessoas da comunidade, porém estranhas, por exemplo, os alunos devem ser preparados para se aproximar das pessoas, para entrar em determinado ambiente e para participar de algum acontecimento popular. A nossa sugestão é que os alunos façam o oposto do que fazem, em geral, a maioria dos jornalistas de televisões e pesquisadores inescrupulosos, que adotam comportamentos e atitudes desrespeitosos diante dos grupos ou das manifestações folclóricas, não se importando com o que e como os fatos estão ocorrendo, mas apenas à cata de material

para o seu trabalho, de preferência em busca do que seja fantástico ou exótico, usando o povo para seus próprios fins, sem entendê-lo em suas manifestações, razões e explicações.

Como a relação pesquisador-informante não é um processo mecânico, mas fundamentado no respeito e no diálogo educativo e isso não se aprende nos livros, mas pelo próprio convívio, aconselhamos que alunos ainda sem maturidade para vôos mais altos, pratiquem suas pesquisas folclóricas, primeiro no âmbito familiar e comunitário e, só posteriormente, se lancem em pesquisas de campo além de suas fronteiras de convivência.

Desejamos novamente observar que as recomendações aqui feitas estão sujeitas, é claro, ao bom senso dos professores para adequá-las aos níveis de maturidade e escolaridade de seus alunos, pois um mesmo tema pode ser estudado com maior ou menor profundidade, dependendo do estágio dos alunos. Assim, também a critério dos professores, os trabalhos escolares poderão ser executados individualmente ou em grupo, se bem que às vezes, o próprio assunto escolhido ou a maneira de buscá-lo, poderá determinar a melhor forma de fazê-lo.

O QUÊ?

Temas sugeridos para trabalhos escolares

TEMAS	ASSUNTOS ESPECÍFICOS
1 - Linguagem Popular	- Termos e expressões mais característicos e usuais da comunidade; histórias, gírias, lendas, ditados e provérbios, gestos e mímicas, etc. e <i>sua explicação popular</i> .
2 - Nomes Populares	- Nomes ou apelidos com que o povo batiza ruas, caminhos, bairros, povoados, acidentes geográficos, etc. e <i>sua explicação popular</i> .
3 - Apelidos	- Apelidos de pessoas (ou alguma coisa) da comunidade e <i>sua explicação popular</i> .
4 - Nome de Plantas e Animais	- Nomes que o povo dá aos diversos animais e plantas caseiras, medicinais, etc. e <i>sua explicação popular</i> .
5 - Comidas e Bebidas	- Aquelas comuns na comunidade, diárias, festivas e ocasionais e suas respectivas receitas e formas de utilização populares.
6 - Arte e Artesanato	- Trabalhos de artistas e artesãos populares que, utilizando-se de instrumentos rudimentares ou as próprias mãos, produzem formas e objetos utilitários ou figurativos; descrição do processo e dados sobre os artesãos.
7 - Medicina Popular	- Chás, pomadas, garrafadas e outros remédios de confecção caseira, o seu preparo e formas de utilização; ervas medicinais e sua aplicação.
8 - Ritos de Passagem	- Comemorações populares de nascimento, batizado, namoro, noivado, casamento e morte; costumes populares de comemoração de datas festivas como Natal, Páscoa, Ano Novo, etc.
9 - Religião	- Cultos e cerimônias religiosas populares <i>fora do campo de ação litúrgica de qualquer igreja ou religião</i> .
10 - Brinquedos e Brincadeiras	- Aqueles <i>não aprendidos</i> nas escolas, parques infantis ou clubes; características, formas e requisitos das brincadeiras e sua explicação pelos próprios participantes.

11 - Caça, Pesca e Agricultura	- Instrumentos e técnicas de trabalho tradicionais na comunidade e <i>sua explicação popular</i> .
12 - Superstições	- Aquilo que as pessoas da comunidade acreditam que façam bem ou mal; registrar <i>a explicação popular</i> .
13 - Tipos Populares	- Vendedores, pregoeiros, músicos ambulantes, etc. da comunidade; suas características, maneiras de viver, trabalhar, etc.
14 - Casos Contados	- Casos ("causos") de pescadores, caçadores, etc., contados por eles mesmos.
15 - Danças	- Aquelas danças (livres e abertas a todos), tradicionais da comunidade; características, tipos e épocas das danças e <i>sua explicação popular</i> .
16 - Folguedos Populares	- As danças e coreografias adotadas por grupos específicos, organizados e tradicionais na comunidade; formas de organização e dos rituais destes grupos e sua explicação por eles mesmos.
17 - Festas Cíclicas	- Aspectos populares e tradicionais das festas religiosas e profanas que tem caráter cíclico e anual: Natal, Ano Novo, Reis, Carnaval, Quaresma, Semana Santa, Páscoa, Divino Espírito Santo, Mês de Maria, Juninas, Rosário, etc., descrição das manifestações e <i>características populares (não litúrgicas) e tradicionais destas festas</i> .
18 - Festas Religiosas em Geral	- Festas dedicadas aos diversos santos, padroeiros e às datas santificadas da comunidade; descrição das características e aspectos populares.

ONDE?

Locais de pesquisa

Muita gente continua com a idéia incorreta de que Folclore é algo que acontece longe da gente, que é preciso ir buscá-lo em algum lugar distante, de preferência entre a gente pobre, da periferia ou da roça, "entre as pessoas que fazem o folclore". Esta visão míope e, muitas vezes preconceituosa, tem sido uma das razões porque o estudo do Folclore ocupa pouco (ou nenhum) lugar nas escolas. A conceituação do Folclore como

ciência antropológica mostra que todos nós, querendo ou não, somos portadores de folclore.

Dentro do conceito de 'sociedade civilizada' (da qual fazemos parte), ao contrário da 'sociedade ágrafa' (sem escrita) da qual fazem parte os indígenas brasileiros, por exemplo, coexistem e podem ser analisadas, normalmente, 3 formas culturais distintas:

1 - **cultura erudita (ou acadêmica)** que é a maneira de viver de um indivíduo (ou grupo social) orientada, dirigida ou, até mesmo, imposta por uma instituição (Estado, Escola ou Igreja, por exemplo). Seus valores são dirigidos e, em geral, permanentes.

2 - **cultura de massa (ou de consumo)** que é a maneira de viver de um indivíduo (ou grupo social) orientada, dirigida ou, até mesmo, imposta pelos modismos e necessidades imediatas criadas e/ou estimuladas pelos meios de comunicação em geral (Rádio, Televisão, Jornais, Revistas, etc.). Seus valores são dirigidos e, em geral, temporários e mutáveis.

3 - **cultura popular (ou folclórica)** é a maneira de viver de um indivíduo (ou grupo social) não dirigida por qualquer instituição (como Estado, Escola ou Igreja) e, nem tão pouco, de caráter temporário ou modismo (como Rádio, TVs, Jornais, etc), mas aprendida e difundida pela tradição - permanente e dinâmica - fruto da vivência diária, familiar e comunitária, no tempo e no espaço.

Ao contrário das formas anteriores, a cultura popular tende a ser permanente e não imposta. **Quando esta cultura incorpora a tradição e, portanto, a atualidade, consolidando a sua funcionalidade e fortalecendo os mecanismos de aceitação popular e domínio coletivo, denominamos de cultura folclórica (ou Folclore).**

A maioria dos temas sugeridos para pesquisas podem ser encontrados entre os próprios alunos, seus familiares e vizinhos.

- Não se usa gíria em casa ou no bairro? - Ninguém tem apelido?
- Alguém está isento de superstição? - Ninguém conhece (ou pratica) nenhuma ação para evitar o mal (ou buscar o bem estar) em casa?
- Ninguém conhece nenhum jogos ou brincadeiras: "maré", "cinco marias", "bola de meia", etc. por exemplo?
- Nunca se prepara em casa um chá ou remédio caseiro ou alguma comida tradicional?
- Como a família comemora o nascimento de uma criança? - Nenhum rito, nenhuma simpatia, são feitas? -Como se faz nenê dormir? - Nenhum acalanto?

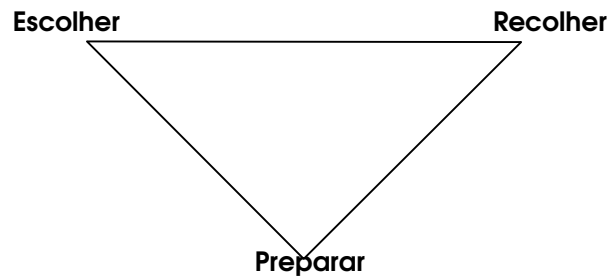
Poderíamos fazer inúmeras perguntas semelhantes a estas e, com certeza, teríamos respostas afirmativas para quase todas, após uma breve pesquisa em casa e na vizinhança. Por isso, ao sugerir aos educadores o uso do bom senso queremos dizer-lhes que:

- **pesquisar é perguntar, indagar, é buscar respostas (quantitativas e qualitativas) para nossos questionamentos e aprimoramento de nosso conhecimento.** Portanto, ao propor uma pesquisa apresente questões (e perguntas) que estimulem os alunos a buscá-las e respondê-las em quantidade e qualidade.

Casa → Vizinhança → Bairro → Município → Região

Como? Realização do trabalho

Propomos como metodologia de trabalho o seguinte esquema em 3 fases:



Escolher → Tema e Local

Recolher → Observação e Registro:

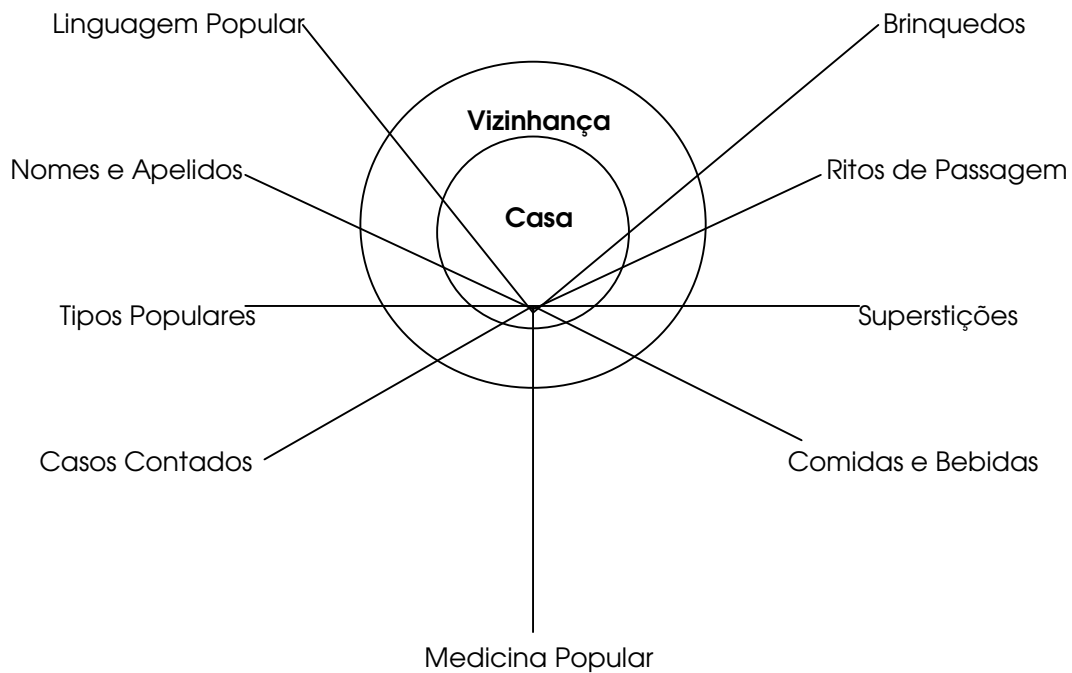
- Atenção
- Discreção
- Fidelidade

Preparar → Texto/Produto final:

- Local
- Pessoas
- Fatos
- Observações
- Resultados
- Meios utilizados

A) Escolher

O desenho abaixo dá uma excelente dimensão do que pode ser feito em termos de pesquisa sobre folclore na escola. Todos os 9 temas listados são possíveis e passíveis se serem encontrados, e com facilidade, nas casas de todos os alunos e nas de seus vizinhos. De acordo com o grau de escolaridade dos alunos, os temas para pesquisa podem ser apresentados como (1) busca das manifestações folclóricas e dos aspectos significativos no processo cultural da comunidade, ou pode-se explicar que, (2) se busca dentro do temas "tudo aquilo que não se aprende (ou aprendeu) nas escolas, nos livros, através de jornais, revistas, rádios, televisão, nem que foi ensinado pela Igreja ou pelo Estado".



B) Recolher

O próximo passo é a pesquisa propriamente dita, isto é, recolher e reunir todas as informações sobre o tema escolhido. Neste momento o fundamental é: **a observação e o registro.**

Observar implica em se colocar em estado de total atenção, visando apreender todas as informações e fatos expostos pelo informante. Como isso é um processo de aprendizagem, é fundamental recomendar aos alunos:

- **muita atenção em tudo o que observar;**
- **discreção quando estiver observando;**
- **fidelidade quando estiver registrando.**

Lembramos aos educadores que os alunos deverão ser instruídos sobre normas de conduta para conversar com informantes, principalmente se estes forem pessoas estranhas a eles. Este tipo de preocupação se deve ao fato de que um informante vai estar falando de sua vida, sua maneira de pensar, agir e sentir, portanto, é importante que se estabeleça uma relação cordial, amigável e respeitosa entre quem informa (e fala) e quem pesquisa (e escuta).

Indicamos alguns procedimentos úteis para estes casos:

- 1 - aproximar-se com discreção e procurar conquistar a simpatia do informante. Expor com clareza os objetivos do trabalho é um bom começo para se estabelecer uma relação de confiança entre o pesquisador e o pesquisado;
- 2 - usar linguagem apropriada, clara e objetiva. A linguagem rebuscada ou muito formal inibe o diálogo;
- 3 - o informante é quem deve falar e livremente; quanto menos for interrompido, melhor; por isso, as perguntas devem ser feitas com o objetivo de fazer o informante falar; não formule perguntas que já tragam consigo a resposta;
- 4 - é importante conversar sobre o mesmo assunto, inclusive formular as mesmas perguntas, para vários informantes, pois só assim pode-se medir e avaliar a existência do fato folclórico;
- 5 - nunca interrompa uma manifestação folclórica para fazer perguntas ou outros registros, como fotos e vídeos, por exemplo;
- 6 - o informante não deve ficar anônimo (a não ser que ele assim o deseje); quanto mais informações sobre ele obter, mais rica, verdadeira e contextualizada será a pesquisa.

C) Preparar

Todo o material anotado e recolhido deve ser colocado de forma a facilitar a sua utilização e consulta posteriores. Todos nós sabemos como se fazem anotações, rascunhos, etc. É necessário passá-las a limpo, o mais rápido possível, enquanto as informações estão "quentes e frescas" em nossas cabeças, evitando esquecimentos e perdas. Quando houver gravações, o conteúdo das fitas deve ser transcrito. Este é um trabalho enojado de se fazer, mas necessário para que o material possa ser utilizado e aproveitado integralmente.

Depois de organizar todo o material de campo obtido, o trabalho será preparado visando os fins a que ele se destina: ser entregue ao professor, ser publicado, etc.

Há várias maneiras de se apresentar um trabalho de pesquisa. Eis algumas sugestões:

- 1 - apresentação do tema: do que se trata e o que tentou-se buscar;
- 2 - os meios usados na pesquisa e os informantes que possibilitaram a obtenção das informações.
- 3 - onde e quando foram feitos os registros: os locais, como as pessoas reagiram e/ou participaram, etc.
- 4 - o fato, o objeto da pesquisa; descrevê-lo mantendo-se fiel ao registro e, em seguida explicá-lo a partir da perspectiva do pesquisador; "o que vi e o que aprendi".
- 5 - ilustrar o trabalho com todos os elementos obtidos e/ou produzidos, fotos, textos, desenhos, esquemas, mapas, etc.

Este esquema é apenas uma sugestão de roteiro de apresentação dos resultados obtidos no campo. Haverá professores que preferam estruturá-lo de maneira diferente, por exemplo:

- 1 - descrevendo o local onde foi feita a pesquisa;
- 2 - as pessoas informantes (ou não) que vivem na comunidade e/ou estão envolvidas no tema pesquisado;
- 3 - a apresentação do tema e as observações feitas;
- 4 - os resultados obtidos, as dificuldades e facilidades encontradas, etc;
- 5 - os meios usados para realizar o trabalho e os anexos produzidos.

Conclusão

É preciso lembrar que o tom dominante de qualquer trabalho deve ser o presente, seja pela ação, seja pela função. Tudo o que o aluno descrever deverá estar acontecendo ou ser usual na época em que o trabalho foi realizado.

As coisas e os fatos passados interessam como elementos de ligação e reconstrução dos caminhos percorridos pelo tema do passado - de onde e como veio - ao presente, como está e como se vive hoje. O fato folclórico não é o ocorrido, mas sempre o que está ocorrendo.

Voltamos a insistir que se dê especial atenção aos trabalhos sobre Folclore a partir de temas que possam envolver os alunos, suas famílias e a comunidade onde vivem e funciona a escola, pois só assim, praticando, poderemos desmistificar o conceito de Folclore como algo estranho e distante do universo da escola (educadores, educandos e comunidade). Mesmo nas ocasiões em que haja interesse específico por um folguedo, uma dança ou uma festa, é importante estudá-la e verificá-la a partir da perspectiva do ambiente familiar e comunitário dos alunos.

Sugestões Bibliográficas

- ALMEIDA, Renato - "**Manual de Coleta Folclórica**"; Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro, 1968.
- ALMEIDA, Renato - "**A Inteligência do Folclore**"; Cia. Editora Americana - MEC, 2a. edição, Rio de Janeiro, 1974.
-) ALMEIDA, Renato - "**Vivência e Projeção do Folclore**"; Livraria Agir Editora - INL, RJ, 1971
- ARAÚJO, Alceu Maynard- "**Folclore Nacional**", 3 vol., Edições Melhoramentos, SP, 1967
- CARNEIRO, Edison - "**Dinâmica do Folclore**"; Editora Civilização Brasileira s/a, Rio de Janeiro, 1965.
- CASCUDO, Luís da Câmara - "**Dicionário do Folclore Brasileiro**"; 2 vol., Instituto Nacional do Livro/INL-MEC, Brasília, 1972.
- LIMA, Rossini Tavares de - "**Folclore do Dia-a-Dia em Relatório de Estudantes**"; Revista Brasileira de Folclore 27:113 - 17, Rio de Janeiro, 1970.
- MARTINS, Saul - "**Folclore: Teoria e Método**"; Imprensa Oficial de MG, BHte, 1986.
- MORAES, Wilson Rodrigues de - "**Folclore Básico**"; Cadernos Didáticos de Folclore No.1, Editora Esporte e Educação, São Paulo, 1974.